

Comentário Mensal Ago/2026

Joule Value FIC FIA

Preço e negócio podem andar em direções opostas por meses. A temporada de resultados é a hora em que o mercado precisa dizer qual dos dois estava certo. Foi esse o roteiro de julho e agosto: em julho, a cota sofreu uma forte queda; em agosto, os balanços do segundo trimestre mostraram os negócios não só intactos, mas ainda mais fortes. A mensagem da carta cabe em uma frase: caímos no preço, não no negócio, e o trimestre nos deixou mais convictos de que estamos bem comprados.

A conta do bimestre ajuda a enxergar o ponto. Em julho, o fundo recuou perto de 8,7%, com a perda concentrada nas três maiores posições: a Moura Dubeux tirou 3,76 pontos da cota, a Micron 2,82 e a Tenda 2,23. Em agosto, a cota recuperou apenas uma pequena fração disso, e não é aí que está a novidade. A novidade está no operacional das empresas: uma a uma, as companhias reportaram o 2T26, e onde o mercado havia vendido medo em julho, o balanço entregou o oposto. Somados, os dois meses ainda deixam a cota abaixo de onde julho começou. Mas o que carregamos não apenas mais barato, mas melhor e nos confirmando que estamos nas empresas certas.

Esta carta cobre os dois meses porque eles só fazem sentido juntos. Julho foi a pergunta; agosto, a resposta. E a resposta se repetiu em cada frente: na inteligência artificial, que julho enterrou e agosto ressuscitou; na baixa renda brasileira, que a Caixa (CEF) derrubou e o balanço reergueu; e no saneamento, onde a Equatorial fechou o negócio que redesenha a tese. Em todas, a mesma imagem, e é a única que nos fundamentamos: a ação caiu, o negócio melhorou.

A correção que os balanços desmentiram

Julho precisou o fim da tese de inteligência artificial. Agosto mostrou que tinha sido apenas uma pausa, e que a peça mais castigada, a memória (DRAM/HBM), era a mais escassa de todas.

Em julho, as empresas relacionadas a IA tiveram a pior correção do ciclo. Os semicondutores despencaram, a Coreia viveu seu maior tombo desde a crise de 2008, com SK Hynix e Samsung caindo mais de 40%, e a Micron, nossa maior posição em memória, custou 2,82 pontos da cota. O mercado tratou aquilo como o “estouro de uma bolha”: capex demais, monetização de menos e risco de pico de ciclo à vista. Sustentamos, na carta passada, que a queda era técnica, de desalavancagem, não de deterioração dos fundamentos. Agosto provou o ponto de forma mais direta do que gostaríamos de admitir ser possível.

Bastou a temporada de resultados avançar para o movimento se inverter. O Nasdaq subiu 9% em apenas quatro pregões, recuperando cerca de US\$ 3,5 trilhões de valor de mercado, e a recuperação, desta vez, veio pelos números, não do humor. O ponto alto foi a Nvidia, no dia 26. A companhia reportou receita de **US\$ 96 bilhões, 106% maior que um ano antes**, com o segmento de data center em **US\$ 89 bilhões (+117%)**, e, o que mais importava, projetou crescer **cerca de 70% no próximo ano, contra 44% que o mercado esperava**, descrevendo essa projeção como limitada pela oferta, não pela demanda (a demanda irrestrita, disse, crescerá perto de 100%). O CEO da Nvidia resumiu o retorno do investimento: um data center de US\$ 50 bilhões hoje **se paga em menos de um ano**. E a economia melhora a cada geração: a receita que a companhia extrai de cada gigawatt de capacidade subiu de cerca de US\$ 18 bilhões duas gerações atrás para US\$ 40 bilhões na atual. Até a dependência de poucos clientes, que assustava, diminuiu, com um único cliente passando de mais de 10% da receita, ante três clientes que eram metade dela um trimestre antes. O medo de pico de ciclo não sobreviveu.

Para a Micron, porém, o dado decisivo foi outro, e é aqui que a divergência entre preço e negócio fica mais evidente de toda a carta. A margem da própria Nvidia caiu, e caiu **por causa do custo de memória**, que subiu mais de três vezes no ano. A administração foi explícita ao dizer que a escassez de memória é resultado direto do próprio build-out de inteligência artificial, e seus compromissos de compra subiram de US\$ 119 para **US\$ 279 bilhões no trimestre, principalmente de memória**. Em outras palavras: a peça que arrastou a Micron para baixo em julho é exatamente a que o maior comprador do mundo declarou faltar. Sobre um lucro que caminha de cerca de USD 8 por ação no ano passado para perto de USD 185 em 2027 e acima de USD 260 em 2028, com o caixa líquido indo a mais de USD 120 bilhões e cada vez mais contratos de longo prazo firmando receitas perenes, a ação negocia a 5x o lucro de 2027, com um FCF yield que parte de 15% rumo a mais de 20%. O mercado tratava a Micron como um pico de ciclo; o que os números do trimestre mostram é um novo patamar de lucro que ele ainda vai ter de reconhecer.

O outro medo de julho, o de que o capex nunca viraria caixa, também foi respondido. Amazon, Microsoft e Google mostraram a nuvem acelerando, com backlog maior e melhor geração de caixa, e o debate migrou do volume de investimento para quem consegue convertê-lo em retorno. A **Amazon**, outra posição nossa, é a resposta mais limpa dessa pergunta: ela cobra pelo uso da infraestrutura, é pedágio e não aposta, e ganha independentemente de qual modelo vença a corrida (aqui não estamos comprados em Anthropic na OpenAI). A AWS cresceu 37% no trimestre, com backlog de US\$ 496 bilhões e os negócios de inteligência artificial e de chips passando de US\$ 25 bilhões cada. É a natureza do pedágio: ganha menos no espetáculo, mas com mais constância.

Nada disso significa que a euforia não cobre um preço. A própria Nvidia revelou, além dos US\$ 279 bilhões de compromissos, mais de US\$ 100 bilhões em garantias ligadas a data centers de clientes e uma plataforma de mais de US\$ 500 bilhões de financiamento de terceiros para o setor. É uma teia de interdependência financeira crescente entre quem vende os chips, quem os compra e quem financia a conta, e o mercado de crédito começou a notar, com os CDS de alguns fornecedores abrindo. As ações precificam o lucro; o crédito começa a precificar o risco financeiro. Levamos esse risco a sério, mas ele é sobre a estrutura de financiamento do setor e o tamanho das posições, não sobre a existência da demanda, que agosto só confirmou. Vale lembrar, aliás, que a novidade chinesa que assustou em julho, a dos modelos abertos e baratos, teve o efeito contrário do temido: inferência mais barata não matou a demanda por capacidade, multiplicou o uso, porque hoje, apesar do crescente capex, ainda há um gargalo na parte computacional da IA.

O Brasil que caiu de preço e subiu de lucro

A restrição de crédito da CEF derrubou a baixa renda em julho. Em agosto, os balanços do segundo trimestre mostraram margens em alta e guidances elevados.

No Brasil, a história se repetiu em escala local, e com o mesmo desenho. Em julho, um aperto pontual da CEF no crédito à baixa renda (o corte, de 30% para 27%, da parcela da renda que o comprador pode comprometer) derrubou as incorporadoras do segmento e levou junto Tenda e Moura Dubeux, nossos dois maiores detratores do mês. O mercado vendeu como se o crédito tivesse acabado. Os balanços de agosto mostraram o contrário: a CEF recuou, as vendas se recuperaram, o banco tem capital de sobra e planeja até crescer a originação (feedback da própria CEF), e as próprias companhias reportaram o melhor trimestre em anos. O setor que mais nos custou é o mesmo que hoje enxergamos com a melhor relação risco-retorno da carteira.

O pano de fundo macro ajudou, ainda que com ressalvas. A inflação seguiu cedendo (o IPCA-15 de agosto **deflacionou 0,40%**, embora a melhora ainda seja desigual, com os serviços rodando perto de 6%), a atividade desacelerou de forma mais clara (a produção industrial caiu 1,8% em junho, o consumo praticamente estagnou no trimestre) e o Copom voltou a cortar a Selic, agora a **14%**. Mas o comunicado trocou o compromisso por uma postura "data-dependent", deixando na mesa tanto novos cortes graduais quanto uma pausa. É a tensão de sempre: a inflação corrente melhora, mas as expectativas de prazo longo continuam desancoradas, ainda mais quando nos aproximamos de um cenário eleitoral binário.

O que não melhorou foi a âncora. O déficit nominal roda perto de 10% do PIB, a dívida bruta em 82%, e um plano de governo para um eventual quarto mandato de Lula, apresentado no mês, aponta para mais Estado sem âncora fiscal, o que motivou rebaixamentos de grandes bancos e acelerou a saída do fluxo estrangeiro, com mais de R\$ 22 bilhões deixando a bolsa no mês antes de um repique no fim. Foi, por semanas, um retrato de dois mercados em direções opostas: o mundo desenvolvido recuperando-se pelos lucros e o Brasil apanhando por questões técnicas de fluxo e ruído político, até a eleição e o valuation barato reancorarem parte das expectativas no fim do mês. A eleição, marcada para outubro, ficou mais competitiva: as pesquisas mostraram Flávio Bolsonaro encurtando a distância para Lula no segundo turno (46% a 45% na leitura mais recente), com a rejeição de Lula superando a de Flávio pela primeira vez desde março, e uma sondagem apontando Flávio à frente no primeiro turno em Minas Gerais. Como escrevemos em fevereiro, o mercado não precifica o tamanho da dívida, e sim a sua trajetória. E essa trajetória, mais do que o nome do próximo presidente, é o que mantém a curva longa cara. O desconto brasileiro, portanto, é real e é grande; o que falta é o gatilho, e o gatilho tem data: outubro e acreditamos que nossa carteira está bastante equilibrada para atravessarmos por qualquer que seja o resultado, pois há diversificação geográfica, nossas empresas estão performando bem, baixo múltiplo (40% da carteira <5x P/E), com crescimento e forte geração de caixa.

Onde a leitura vira portfólio

O retrato de julho, com as três maiores posições como os três maiores detratores, parecia o de uma carteira fragilizada. Os resultados do segundo trimestre mostraram o oposto: negócios que só caíram de preço enquanto melhoravam e reafirmavam os fundamentos. Detalhamos as três posições em que essa divergência ficou mais nítida.

A **Moura Dubeux** é o caso mais eloquente, porque foi a maior posição do fundo e o maior detrator de julho, com 3,76 pontos. Em agosto, com o resultado, a queda estancou, enquanto a companhia reportava o melhor trimestre da sua história. Entregou o **lucro trimestral recorde, R\$ 174 milhões, 44,6% maior que um ano antes**, com ROE de **28%** e margem bruta ajustada de 40,2%. O management reafirmou o guidance de lucro de 2026 de R\$ 600 milhões, que consideramos conservador, esperando algo mais próximo de R\$ 650 milhões, cerca de 4x o lucro. É a líder isolada do Nordeste, região de onde as construtoras paulistas recuaram em 2015 e para a qual não sinalizam retorno; a Moura Dubeux consolidou os melhores terrenos e projetos, espalhou a operação por toda a região, reduzindo a exposição a economias específicas, diversificou para outras faixas de renda e formou o melhor banco de terrenos do Nordeste. Como a região deixou de ser ofertada desde 2015, o estoque permanece baixo e com alta absorção da demanda em todas as faixas de renda, dez meses de estoque contra quinze em São Paulo, apesar do forte crescimento da companhia nos últimos anos. Para não depender só da alta renda, abriu uma frente nova, entrando no Minha Casa Minha Vida por uma parceria com a Direcional. A administração foi enfática em dizer que não vê sinais de excesso de oferta nem de fraqueza de demanda no Nordeste. A ação negocia a cerca de **3,4x o lucro de 2027 e 1x o valor patrimonial**, para um ROE de 28%. A maior posição foi a que mais custou, reportou o melhor resultado da sua história e ficou mais barata.

A **Tenda** é a ilustração mais limpa do arco. Custou 2,23 pontos em julho, arrastada pelo mesmo ruído de crédito, e poucos dias depois de fechado o mês reportou o trimestre que desmentiu a queda: receita **30% maior**, margem bruta ajustada de **37,3%** (e de 40,4% na operação principal), lucro **109% maior, a R\$ 161 milhões**, e um retorno sobre o patrimônio de **cerca de 46%**, dos mais altos do setor. Elevou o guidance de lucro de 2026 e ampliou o banco de terrenos para R\$ 33,8 bilhões, dando materialidade à estratégia de crescimento dos próximos anos. Por trás dos números está a tese que carregamos há tempo: a industrialização da obra, seja pela fábrica de casas da Alea, que internaliza custo onde o concorrente ainda depende do canteiro, seja pela eficiência no uso das formas de concreto, que chegou a 99%, um benchmark do setor, e que se traduz em forte aceleração de resultado e na melhor conversão de lucro em caixa do segmento, que transforma crescimento em dividendo. Não à toa, a companhia já pagou R\$ 100 milhões aos acionistas em julho, apesar de um payout mínimo de 25%. A administração confirmou que a pressão de custos de mão de obra e materiais aliviou, sustentando margens robustas à frente. O resultado ainda veio com conservadorismo: a companhia elevou a provisão para inadimplência de 1,8% para 2,7% da receita e, mesmo assim, entregou o lucro, sobre um crescimento contratado de 10% a 15% ao ano num landbank já comprado. A ação negocia a 4,6x o lucro de 2027, e é uma das posições em que temos mais convicção hoje.

A **Equatorial** mostra a mesma divergência por outro caminho, e é a que o mercado ainda não olhou. Ao contrário da Micron e da Tenda, não acompanhou nem a pequena recuperação de agosto: foi um dos detratores do mês, mesmo depois de fechar o maior movimento estratégico da sua história. O lucro do trimestre, à primeira vista, também caiu, mas por um motivo que é, na verdade, a tese. A operação de distribuição, o coração da companhia, foi bem: margem bruta 10% maior, mercado crescendo 4,2%, custo por consumidor abaixo da inflação e um caixa de R\$ 10 bilhões. O lucro recuou porque a companhia **fechou a compra de 30% da Copasa, a companhia de saneamento de Minas Gerais, por R\$ 5,6 bilhões**, e é a despesa financeira dessa dívida que pesa no resultado de agora. Como escrevemos desde março, a Equatorial nunca foi um jogo de juro, e sim de uma competência específica: comprar ativos ineficientes, executar o turnaround, desalavancar e repetir o ciclo. É essa máquina que ela replica agora no saneamento. Com a Copasa, passa a ter **duas participações listadas de saneamento** (ao lado dos 15% que já detém na Sabesp), e essas duas fatias, marcadas a mercado, valem sozinhas cerca de **42% do valor de mercado da Equatorial**, um valor que o preço da ação simplesmente ignora. A base de ativos regulados, somando distribuição, Sabesp e Copasa, chega a cerca de R\$ 74 bilhões, e o desconto embute uma TIR real perto de 14%, com forte desalavancagem esperada a partir de 2028. No Investor Day, a companhia ainda apresentou uma agenda regulatória que pode virar vento de cauda na distribuição, seu maior ativo, com potencial de somar até cerca de R\$ 2,2 bilhões ao EBITDA e perto de um ponto à TIR real, acelerando a desalavancagem. É a tese ganhando uma avenida inteira enquanto a ação, por ora, anda de lado, e é justamente por isso que segue na carteira.

O fio que costura essas três posições, e as demais que pesaram ou somaram sem aparecer aqui, do BTG à C&A, da educação à mobilidade da família Simpar, é o mesmo de sempre. Nenhuma foi comprada para ganhar num mês, e o segundo trimestre mostrou por quê: são negócios que crescem lucro, ganham margem e geram caixa independentemente de a bolsa reconhecê-lo agora. Como registramos em dezembro, sobreviver a um ciclo brutal de custo de capital virou vantagem competitiva, e é desse filtro que sai o que carregamos. A diferença é que, desta vez, não precisamos pedir fé ao leitor: os balanços do trimestre são a evidência, e dizem uma coisa só, que a ação caiu no preço enquanto o negócio melhorou no fundamento, ficando mais barato, não pior.

O que muda. O que permanece.

Dois meses, uma lição: em julho, a cota caiu; em agosto, o operacional mostrou que os negócios vão muito bem. O mercado precificou, em julho, o medo de que estivessem quebrando, e a temporada de resultados do segundo trimestre respondeu, um a um, que não estavam; ao contrário, estavam mais fortes. A Micron viu sua tese confirmada pelo maior cliente do mundo; a Nvidia enterrou o medo de pico de ciclo; a Tenda e a Moura Dubeux reportaram os melhores trimestres em anos e reafirmaram ou elevaram o guidance; a Equatorial dobrou a aposta no saneamento e abriu um leque de ganhos regulatórios a capturar adiante. É por isso que seguimos convictos de que estamos bem comprados.

Mudou o ambiente, nas margens. A tese de inteligência artificial passou de suspeita a validada, com a monetização finalmente aparecendo no caixa dos hyperscalers e a escassez de memória confirmada pela boca de quem mais a consome. E o Brasil ficou mais barato e mais competitivo na eleição, ao mesmo tempo em que o fiscal e a ponta longa das curvas, aqui e lá fora, seguem como os riscos a vigiar.

O método não muda. Não tentamos adivinhar fluxo nem timing, e carregamos negócios que não dependem de um cenário perfeito, comprados a preços que limitam o que se pode perder. O que a temporada de resultados fez foi estreitar a distância entre o que dizíamos e o que se podia provar. O desconto vira retorno quando a compra foi bem-feita e quando se tem paciência. Em julho, o preço caiu; em agosto, o negócio respondeu. O preço vem depois, quando o mercado ler os balanços da mesma forma que já os lemos, e isso é questão de tempo, não de fé.

São Paulo, 1 de Setembro de 2026.



José Luiz Junqueira

Gestor de Renda Variável e CIO da Joule Asset Management

Relatório mensal Fechamento Ago/2026

Cota atualizada em: 31/08/2026
Divulgado em: 01/09/2026

Joule Value FIC FIA

Objetivo e Política de Investimento

O principal objetivo do fundo é gerar retornos consistentes a longo prazo. A política de investimento do Joule Value FIC FIA é baseada na Escola Fundamentalista e suas bases seguem o Evidence Based Investing. O Fundo não faz uso de derivativos e não alavanca sua carteira. A estratégia de investimento consiste em identificar ações de empresas que estejam significativamente subvalorizadas em relação ao seu valor intrínseco e mantê-las em carteira até que atinjam seu valor justo. O portfólio é composto por ações de companhias com sólidos fundamentos, boa eficiência operacional, boas práticas de governança corporativa, potencial de crescimento sustentável a longo prazo com diferenciais competitivos.

O Fundo Joule Value FIC FIA representa uma boa alternativa de poupança de longo prazo.

Público-alvo

Pessoas físicas e jurídicas que buscam investimentos sólidos de longo prazo em renda variável.

Características do Fundo

- Data de Início: 15/01/2009
- Taxa de Administração: 2,00% ao ano sobre o patrimônio líquido
- Taxa de Performance: 20% do que exceder o Ibovespa
- Taxa de Ingresso ou Saída: Não há
- Aplicação Mínima: R\$ 1.000,00
- Movimentação Mínima: R\$ 300,00
- Prazo de Resgate: cotização em D+28 e pagamento em D+2 após cotização
- Prazo de Carência: Não há
- Tributação: 15% retido na fonte sobre o lucro no ato do resgate
- Classe / Tipo ANBIMA: Ações / Ações Livre

Administrador:

BTG PACTUAL SERVIÇOS
FINANCEIROS S/A DTVM

Gestão:

Joule Asset Management

Dados para investimento:

Favorecido: Joule Value Fundo de
Investimento em Cotas de Fundos de
Investimento em Ações
CNPJ: 08.545.330/0001-74
BANCO BTG PACTUAL (208)
Agência: 0001
Conta corrente: 002447846

Para acessar o sumário da remuneração de prestadores de serviço clique [aqui](#).

Desempenho Histórico Joule Value FIC FIA

Joule Value FIC FIA										
	Data:	Valor da cota	Pat. Líq. - R\$	Var. Mês	Var. Ano	06 meses	12 meses	24 meses	36 meses	Desde o Início
Joule Value FIC FIA	31/08/2026	2,74172433	1.327.226,64	1,3	14,2	-4,3	26,2	37,4	29,8	213,2
Ibovespa	31/08/2026	177.418,78	n.a.	-0,3	10,1	-6,0	25,5	30,5	53,3	320,0

Cota mais recente: 31/08/2026

Histórico de Rentabilidade:

Retornos mensais Joule Value Classic FIC FIA - %

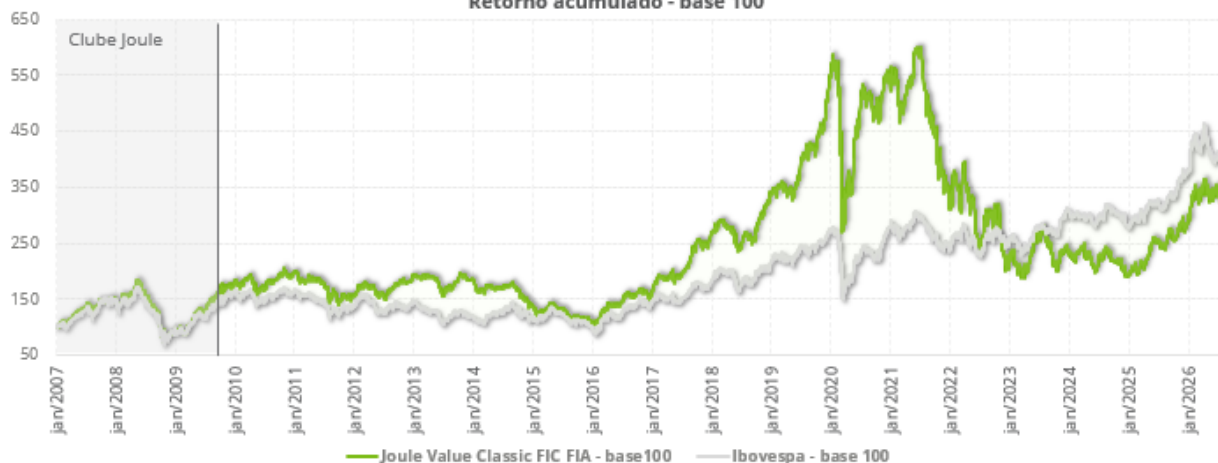
*	retorno %	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	No ano
2009	Joule Value Classic FIC FIA	1,8	-2,9	7,9	14,7	13,4	0,3	10,9	5,4	6,9	-0,7	7,8	1,9	90,02
	Ibovespa	3,5	-2,8	7,2	15,5	12,5	-3,3	6,4	3,1	8,9	0,0	8,9	2,3	80,58
2010	Joule Value Classic FIC FIA	-0,9	0,9	6,3	-3,6	-6,5	-3,0	10,6	-1,4	5,9	2,9	-2,5	2,7	10,51
	Ibovespa	-4,6	1,7	5,8	-4,0	-6,6	-3,3	10,8	-3,5	6,6	1,8	-4,2	2,4	1,04
2011	Joule Value Classic FIC FIA	-5,2	-0,7	1,9	-0,2	0,1	-3,4	-5,1	-4,8	-11,4	9,0	-2,7	0,0	-21,43
	Ibovespa	-3,9	1,2	1,8	-3,6	-2,3	-3,4	-5,7	-4,0	-7,4	11,5	-2,5	-0,2	-18,11
2012	Joule Value Classic FIC FIA	8,4	3,8	-0,3	-0,3	-6,6	-1,4	0,1	7,0	3,7	2,5	-0,1	4,7	22,65
	Ibovespa	11,1	4,3	-2,0	-4,2	-11,9	-0,2	3,2	1,7	3,7	-3,6	0,7	6,1	7,40
2013	Joule Value Classic FIC FIA	1,0	0,0	2,1	-1,0	-5,9	-8,2	1,4	-0,5	7,6	7,9	-3,2	-0,9	-0,99
	Ibovespa	-2,0	-3,9	-1,9	-0,8	-4,3	-11,3	1,6	3,7	4,7	3,7	-3,3	-1,9	-15,50
2014	Joule Value Classic FIC FIA	-12,1	2,7	3,7	-2,1	-1,9	1,8	0,8	3,9	-6,1	-5,5	-4,7	-7,0	-24,66
	Ibovespa	-7,5	-1,1	7,1	2,4	-0,8	3,8	5,0	9,8	-11,7	0,9	0,2	-8,6	-2,91
2015	Joule Value Classic FIC FIA	-12,8	5,8	-0,3	8,2	-3,8	-1,0	-3,6	-8,0	-5,0	3,1	-2,1	-0,4	-19,65
	Ibovespa	-6,2	10,0	-0,8	9,9	-6,2	0,6	-4,2	-8,3	-3,4	1,8	-1,6	-3,9	-13,31
2016	Joule Value Classic FIC FIA	-1,5	5,9	12,6	6,3	-3,0	4,0	10,1	-1,7	0,7	8,7	-2,2	-3,2	41,30
	Ibovespa	-6,8	5,9	17,0	7,7	-10,1	6,3	11,2	1,0	0,8	11,2	-4,6	-2,7	38,93
2017	Joule Value Classic FIC FIA	11,6	6,4	-2,7	4,2	-2,1	1,6	6,0	8,7	9,6	4,5	-3,1	6,4	62,97
	Ibovespa	7,4	3,1	-2,5	0,6	-4,1	0,3	4,8	7,5	4,9	0,0	-3,1	6,2	26,86
2018	Joule Value Classic FIC FIA	9,1	1,3	-0,8	-2,3	-6,9	-7,4	9,1	0,8	-2,8	15,3	6,9	5,5	28,48
	Ibovespa	11,1	0,5	0,0	0,9	-10,9	-5,2	8,9	-3,2	3,5	10,2	2,4	-1,8	15,03
2019	Joule Value Classic FIC FIA	3,8	1,1	0,1	-0,4	-0,3	5,8	9,7	6,0	-1,5	5,8	3,0	14,5	57,97
	Ibovespa	10,8	-1,9	-0,2	1,0	0,7	4,1	0,8	-0,7	3,6	2,4	0,9	6,8	31,58
2020	Joule Value Classic FIC FIA	5,8	-8,5	-39,5	19,8	6,9	17,9	11,5	-2,1	-6,7	-2,0	13,9	4,6	5,05
	Ibovespa	-1,6	-8,4	-29,9	10,3	8,6	8,8	8,3	-3,4	-4,8	-0,7	15,9	9,3	2,92
2021	Joule Value Classic FIC FIA	-2,7	-7,8	-0,9	8,7	6,3	4,1	-10,5	-7,1	-9,7	-18,3	-4,6	1,3	-36,57
	Ibovespa	-3,3	-4,4	6,0	1,9	6,2	0,5	-3,9	-2,5	-6,6	-6,7	-1,5	2,9	-11,93
2022	Joule Value Classic FIC FIA	8,4	-9,4	10,3	-10,1	-4,9	-23,4	5,7	11,5	-2,9	6,8	-20,5	-7,5	-36,26
	Ibovespa	7,0	0,9	6,1	-10,1	3,2	-11,5	4,7	6,2	0,5	5,5	-3,1	-2,4	4,69
2023	Joule Value Classic FIC FIA	5,6	-14,2	-2,8	4,5	15,1	8,5	8,1	-11,9	-6,1	-11,3	13,7	5,2	9,02
	Ibovespa	3,4	-7,5	-2,9	2,5	3,7	9,0	3,3	-5,1	0,7	-2,9	12,5	5,4	22,28
2024	Joule Value Classic FIC FIA	-7,1	2,8	4,5	-9,3	-4,8	-1,3	9,5	2,6	-6,5	1,1	-7,5	-5,2	-20,70
	Ibovespa	-4,8	1,0	-0,7	-1,7	-3,0	1,5	3,0	6,5	-3,1	-1,6	-3,1	-4,3	-10,36
2025	Joule Value Classic FIC FIA	7,1	-4,8	7,1	5,0	12,2	3,3	-4,7	5,1	5,7	-3,1	9,4	-0,9	47,97
	Ibovespa	4,9	-2,6	6,1	3,7	1,5	1,3	-4,2	6,3	3,4	2,3	6,4	1,3	33,95
2026	Joule Value Classic FIC FIA	15,6	3,5	0,5	-1,4	1,1	2,2	-7,3	1,5					15,19
	Ibovespa	12,6	4,1	-0,7	-0,1	-7,2	-1,0	3,5	-0,3					10,11

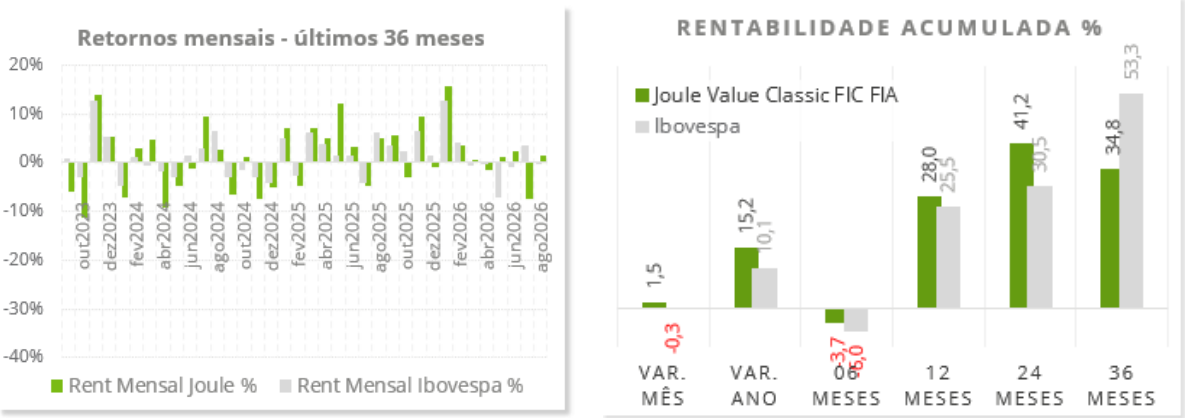
*Dados anteriores ao dia 28/10/2021 referem-se ao Joule Value FIA.

Cota mais recente:

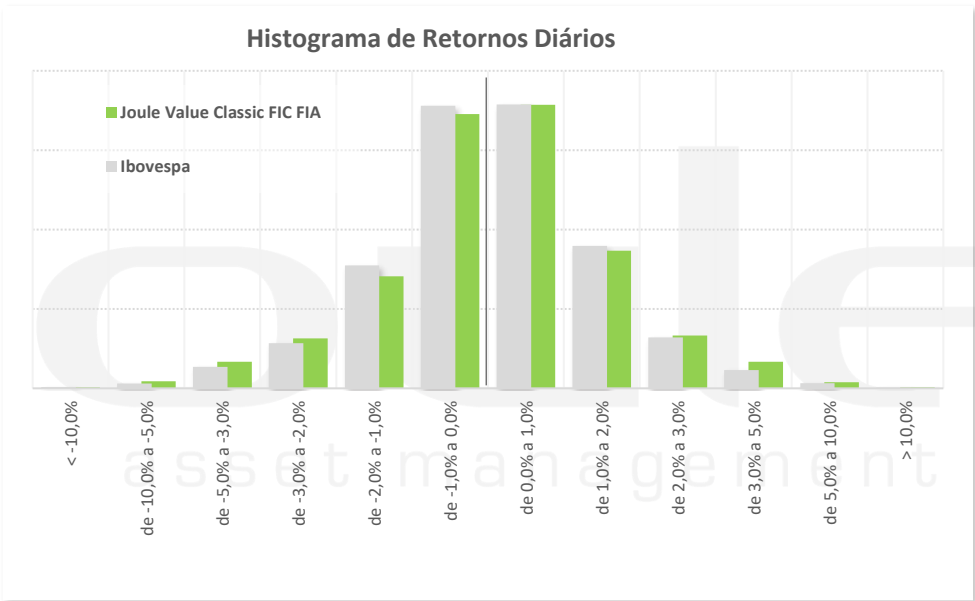
3,2986

Retorno acumulado - base 100

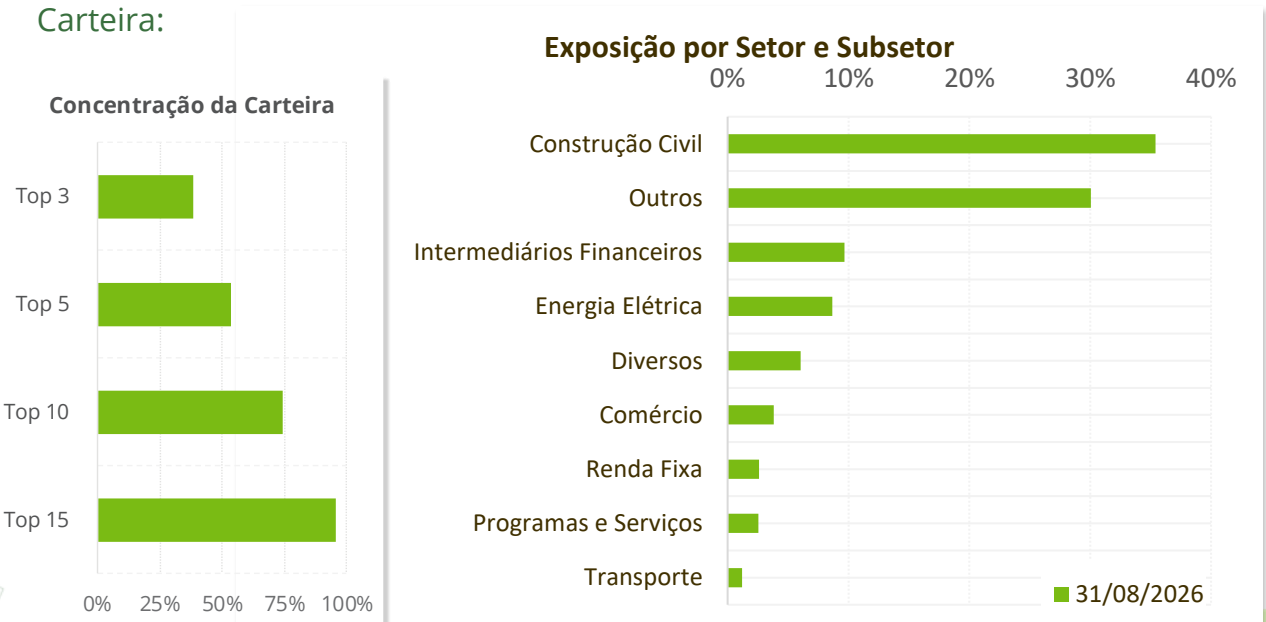




Distribuição de retornos diários, Joule Value FIC FIA vs Ibovespa:

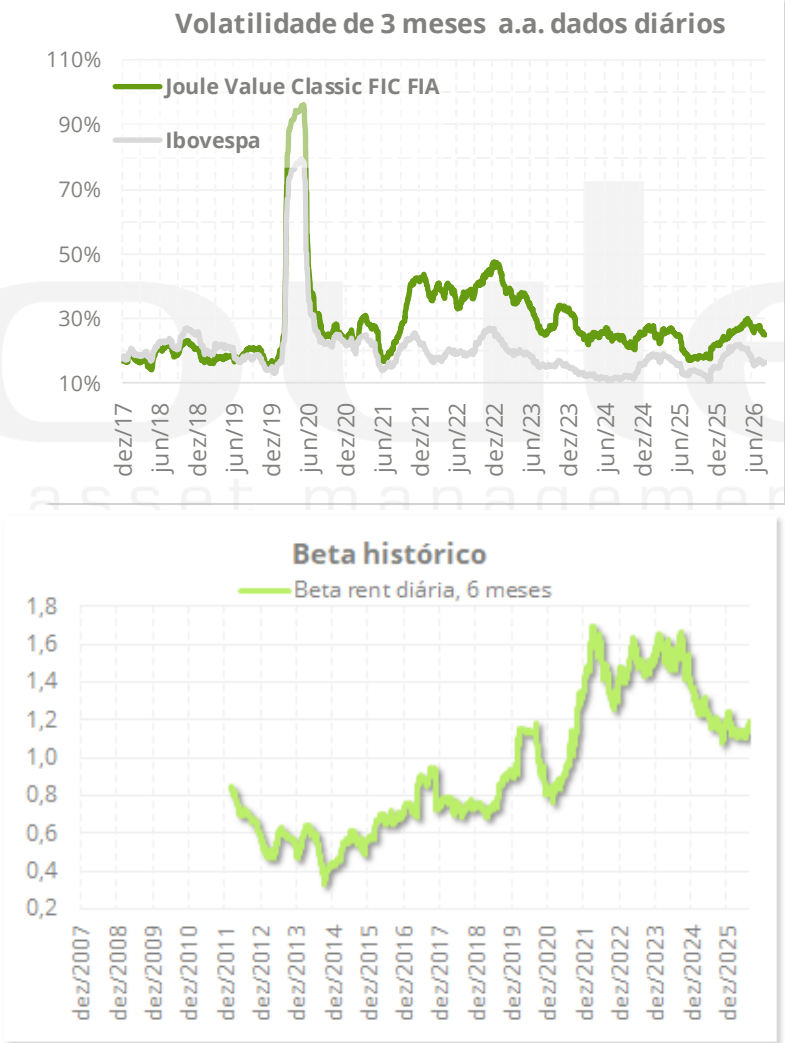


Carteira:



Risco

Risco	Joule Value Classic FIC FIA	Ibovespa
Volatilidade anual - desde o início	27,55%	25,79%
Volatilidade anual - últ. 3 meses	24,91%	16,25%
Sharpe - desde o início	-0,13	-0,08
Sharpe - últimos 3 meses	-1,18	-0,37
Maior retorno mensal	19,76%	16,97%
Menor retorno mensal	-39,53%	-29,90%
Meses positivos	129	133
Meses negativos	108	104
Meses acima do Ibovespa, %	51,5%	n.a.
Meses abaixo do Ibovespa, %	48,5%	



Patrimônio Líquido

Joule Value Classic FIC FIA	
Patrimônio líquido	68.076.356,03
Patrimônio líquido médio 12 meses	70.010.208,01
Atualizado em:	31/08/2026

Joule Asset Management

Rua Iguatemi, 192, cj 163

01451-010 . Itaim Bibi . SP

Atendimento: 11 3045 1647 ou contato@jouleinvest.com.br

www.jouleinvest.com.br



Importante:

Rentabilidade obtida no passado não representa garantia de resultados futuros.

A rentabilidade divulgada não é líquida de impostos.

O investimento em Fundo não é garantido pelo Fundo Garantidor de Crédito, FGC.

A Joule Asset Management não intermedia, comercializa ou distribui quaisquer quotas de clubes, fundos ou qualquer outro ativo financeiro.

Informamos que os sócios da Joule Asset Management possuem investimentos nos fundos geridos pela empresa.

Todas as informações contidas nesse relatório têm caráter meramente informativo e, portanto, não devem ser consideradas ofertas de venda ou compra e cotas do fundo ou qualquer título ou valor mobiliário. As projeções, opiniões e valores expressos nesse relatório foram elaboradas no momento da sua publicação e estão sujeitas a alteração sem aviso prévio.

É recomendada a leitura detalhada do Regulamento do fundo que pode ser obtido em nosso website: www.jouleinvest.com.br.

Informações sobre Distribuição e Administração poderão ser obtidas junto à sua Administração e Distribuidora: Singulare Corretora de Títulos e Valores Mobiliários S.A.; Av. Brigadeiro Faria Lima, 1,355 – 5º andar, São Paulo – SP. Tel/Fax: 0800 729 7272. Website: www.singulare.com.br